



O Diário

BARRETOS, TERÇA-FEIRA, 26 DE JULHO DE 2022

Opinião

opinião aberta

PROF.^a ESP. KARLA ARMANI MEDEIROS

historiadora, professora de História e titular da cadeira 7 da ABC -
www.karlaarmani.blogspot.com



Ainda sobre as praças

A questão de dismantelar as praças da cidade não é característica somente do presente, no passado isso também aconteceu. Da mesma forma, existiram pessoas que tentaram evitar e protestaram contra tal feito. Abaixo, apenas alguns exemplos.

Conta o memorialismo que o segundo cemitério de Barretos, entre os idos de 1870 a 1899, era próximo à Matriz, nas imediações da rua 22 e avenidas 19 e 21. Em 1908, com a abertura da avenida 21, aquela área foi parcialmente loteada e algumas casas foram ali construídas. Já em 1927, com novo loteamento, o jornal A Semana, sensibilizado com o campo santo, publicou nomes de mais de 100 pessoas ali enterradas na esperança de que a

área fosse transformada numa praça com capela. Mas, tratando-se da área central isso foi impossível. No entanto, parte daquela área depois transformou-se no Largo da Feira, onde por muitos anos foi uma praça de encontro e feira no quarteirão da avenida 19 entre as ruas 22 e 24.

O Largo da Feira, porém, deu lugar à moderna sede do Grêmio Literário inaugurada em 1960. Algo parecido aconteceu anos antes com a construção da Santa Casa de Misericórdia, a qual, erigiu-se no local onde era a Praça Dr. Antônio Olympio. Sem contar o Largo das Cavalhadas que, loteado, deu lugar a residências na avenida 23.

A questão é que essas áreas eram espaços verdes e de possíveis convívên-

cias, mas, quando deram lugar a prédios e avenidas, ainda não eram praças propriamente ditas. Diferente da praça Nove de Julho, que foi criada com o propósito da memória da Revolução Constitucionalista e que continha bandeiras e monumentos reveladores dessa história; além de existir na memória afetiva dos barretenses por gerações que atravessaram a nossa história por mais de 50 anos. Até quando deixaremos as nossas praças sumirem? Se não for pela nossa história, ao menos que seja por espaços verdes e ao ar livre em meio à quentura do asfalto e dos prédios. O progresso não precisa acontecer em detrimento do patrimônio, do meio ambiente e da boa infraestrutura urbana.